



CHÃO

JOÃO BANDEIRA

ARTISTA CONVIDADO
PROJETO FIDALGA
06.04.2026 - 09.05.2026



Chão, 2026, vista geral da exposição
Chão, 2026, general view of the installation



(Da esquerda para a direita) Nova York #1, série Chão, 2026, fotografia digital, impressão jato de tinta pigmentada sobre papel de algodão, 60 x 60 cm. Nova York #2, série Chão, 2026, fotografia digital, impressão jato de tinta pigmentada sobre papel de algodão, 60 x 60 cm. São Paulo, série Chão, 2026, fotografia digital, impressão jato de tinta pigmentada sobre papel de algodão, 150 x 100 cm.

(From left to right) Nova York #1, from the Chão series, 2026, digital photograph, pigment inkjet print on cotton paper, 60 x 60 cm. Nova York #2, from the Chão series, 2026, digital photograph, pigment inkjet print on cotton paper, 60 x 60 cm. São Paulo, from the Chão series, 2026, digital photograph, pigment inkjet print on cotton paper, 150 x 100 cm.



(Da esquerda para a direita) Nova York #2, série Chão, 2026, fotografia digital, impressão jato de tinta pigmentada sobre papel de algodão, 60 x 60 cm.
São Paulo, série Chão, 2026, fotografia digital, impressão jato de tinta pigmentada sobre papel de algodão, 150 x 100 cm.
(From left to right) Nova York #2, from the Chão series, 2026, digital photograph, pigment inkjet print on cotton paper, 60 x 60 cm.
São Paulo, from the Chão series, 2026, digital photograph, pigment inkjet print on cotton paper, 150 x 100 cm.



(Da esquerda para a direita)
Siena, série Chão, 2026, fotografia digital, impressão jato de tinta pigmentada, sobre papel de algodão, 80 x 60 cm.
Pisa, série Chão, 2026, fotografia digital, impressão jato de tinta pigmentada, sobre papel de algodão, 80 x 60 cm.
(From left to right) Siena, from the Chão series, 2026, digital photograph, pigment inkjet print on cotton paper, 80 x 60 cm.
Pisa, from the Chão series, 2026, digital photograph, pigment inkjet print on cotton paper, 80 x 60 cm.

FRAGMENTOS DE UM MUSEU DAS RUAS

Espécies de anteparos povoam silenciosamente essas obras de João Bandeira, cujas dimensões e decisiva frontalidade, antes de que a uma absorção, impelem ao endireitamento axial do corpo.

Algo estranho, sem dúvida, diante de imagens recolhidas no olhar fixo para baixo: é o chão, afinal, que secamente preenche o quadro, suprimindo ao máximo as distorções atmosféricas que levariam a um horizonte qualquer. A mais imediata superfície possível, o chão que dá título à exposição não é aqui apenas solo, ponto de partida, base ou estrutura. Não metaforiza ou antecipa o que poderia estar para cima, para além ou para dentro dele.

Resta, então, pouco espaço de manobra a um olho que insista em querer adentrar essas imagens. Diante delas, flutua-se, orbita-se – um tipo de relação atmosférica em que a fixação do olhar sobre um ponto se dá como em sobrevoo, em uma posição paralela àquilo que se vê, o que leva talvez à impressão de que as formas ali contidas só façam sentido ou só se reconheçam enquanto figuras precisas, a depender da posição em que a imagem se colocou diante do corpo no momento em que foi vista, ou, inversamente, do enquadramento com que forçosamente o corpo as recortou para que se assossegassem a ele.

Na sala de exposição, a redução de quase tudo o que visível ao monocromatismo cinza e ligeiramente tremulante do asfalto leva a um deslizamento lateral de uma a outra obra, sem necessariamente parar em alguma delas – o que é o avesso da *flânerie* dos encontros fortuitos, do ato singelo de salvar imagens no acaso da atenção distraída que repentinamente se encantaria com esta ou aquela banalidade dos acidentes cotidianos. Pois não há, aqui, qualquer coisa além de um olhar cabisbaixo a flagrar os acontecimentos superficiais do asfalto; e no entanto esse olhar esquecido em si mesmo não costuma ceder a um arremesso tão sem cerimônia à grande escala, como ocorre nessas obras.

Deve ser que jamais se tratou do encontro das coincidências fortuitas onde esse mesmo espírito absorto se projetou, mas, antes, da atenção ao momento no qual, em deriva, ele capturou imagens que já se condensaram na crosta lodosa do asfalto. Há muito mais na descontinuidade dessas superfícies, do que no elogio à materialidade contínua de sua presença daqui a Pisa ou, digamos, ao Japão. É preciso, então, um olhar basculante, sempre pronto a perguntar se aquilo que se encontrou embaixo resistiria quando devolvido ao direito da frente do olho.

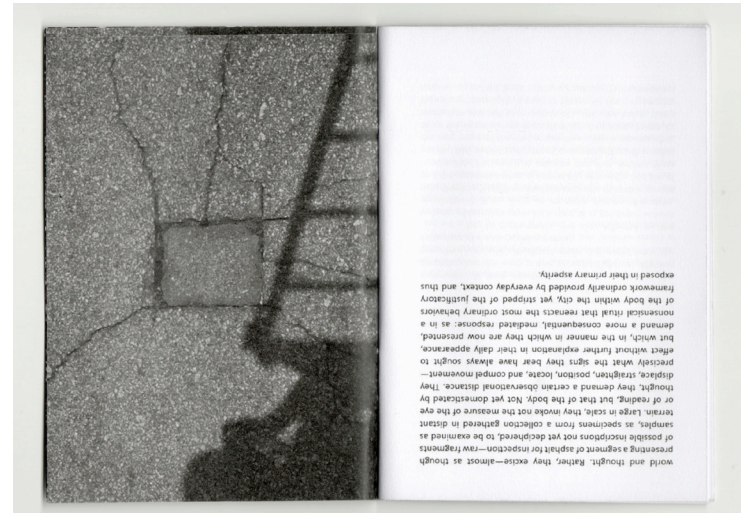
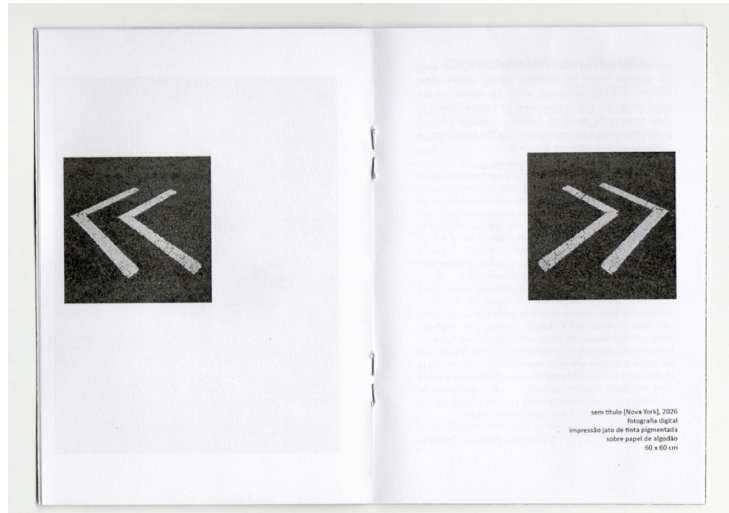
Não que essas imagens surjam a partir da evasão da escala pedestre de onde provêm. O chão permanece inegociável para elas, mesmo quando deslocado à ortogonalidade da parede. De fato, em algumas dessas obras, os códigos de comando que coordenam a circulação urbana já não parecem mais operantes, surgindo, antes, como manchas, inscrições de projetos idos, de reparos quem sabe já superados na cidade, de vez esquecidos na superfície da rua. Imputar

sentido a suas formas implicará mobilizar um tipo muito específico de experiência de chão: a intuição de que o escape à compulsão do funcionalismo, à instrumentalização, pudesse ocorrer repentinamente onde a cidade se demonstra mais materialmente intransponível, todavia carente de sentido. Uma brecha, quem sabe, para o ingresso do devaneio... Em outras obras, a fresta parece se abrir no próprio ato de conversão dos sinais urbanos em imagem: de maneira mais direta, o “é para lá”, “é aqui”, “neste ponto” das setas e das pinturas das faixas de pedestre, uma vez capturado e reenquadrado na parede, produziria, no seu próprio deslocamento, uma desativação de sua função imediata, capaz de disponibilizar aqueles códigos à plasticidade infinita da linguagem, a um ponto, em que mesmo a mais identificável marca de direção para o transeunte poderia se supor, como que numa fisgada audaciosa do pensamento, um par de aspas francesas.

As obras de João não se despedem desse tipo de aventura que a arte moderna não cessou de acalentar – elas não deixarão de respirar, em suas andanças pela cidade, a possibilidade de uma prosódia mais humana balbuciar alguma coisa de fato ao se deparar com os signos da regra abstrata e muda da cidade.

Mas, nessas obras, o giro que a audácia da linguagem produz sobre esses signos não vem sem sobras. Arrasta demasiada porção de chão, para que o esquecimento necessário à operação poética se cumpra de uma vez como uma possibilidade sempre renovada de significação. E talvez seja isto o que as faça se comportar incômodas: seguem como perguntas, indagações ao nervo da abstração que carregam em processo; atrasam a conversão das coisas materiais em forma, imagem, palavra; prostram-nos diante delas; não nos permitem atravessá-las com a transparência necessária para extrairmos delas aquelas espécies de coincidências felizes entre mundo e pensamento. Antes, recortam, quase como se trouxessem um segmento de asfalto à visitação, trechos brutos de possíveis inscrições ainda não compreendidas, a serem examinados como amostras, espécimes de uma coleta em terra distante. Demasiado grandes, implicam não a escala do olho e da leitura, mas a do corpo. Ainda não domesticadas pelo pensamento, exigem distância de observação. Afastam, endireitam, posicionam, localizam, impelem-nos ao deslocamento – isto mesmo que decerto os sinais que carregam sempre buscaram fazer sem maiores explicações em seu aparecimento cotidiano, mas que, da maneira como se mostram agora, exigem uma resposta mais consequente, mediada, como em um ritual *nonsense* que reencenasse os comportamentos mais comuns do corpo na cidade, no entanto, sem a justificativa que o contexto cotidiano lhe forneceria, e portanto em sua aspereza primária.

Carlos Eduardo Riccioppo



Publicação especialmente realizada pelo artista João Bandeira.
 Publication specially created by the artist João Bandeira



JOÃO BANDEIRA

João Bandeira nasceu no Rio de Janeiro e reside em São Paulo. É graduado e pós-graduado em Letras pela USP. Sua produção em artes visuais lida muitas vezes com a interface entre imagem e palavra, em meios diversos, como desenho, gravura, fotografia e vídeo, além de, na tridimensionalidade, objetos e relevos. Nos últimos anos, Bandeira vem explorando com mais frequência a fotografia, geralmente em séries.

Suas obras foram mostradas em exposições no Brasil e no exterior, entre as quais destacam-se as individuais *Sem Sinal* (Centro Maria Antonia, São Paulo, 2024) e *O Princípio é o Meio (Oi Futuro)* (Rio de Janeiro, 2016), e também a participação em coletivas como *Bienal de Coimbra* (Coimbra, Portugal, 2019), *Experimentação e Visualidade* (Galeria Baró, São Paulo, 2016), *Poesia* (Galeria Virgílio, São Paulo, 2012), *7ª Bienal do Mercosul* (Porto Alegre, 2009), *Entre la Palabra y la Imagen* (Fundación Luis Seoane, Coruña, Espanha, 2006), *Poemixbr* (Centro Cultural Telemar, Rio de Janeiro, 2005), *Palavra Extrapolada* (Sesc Pompeia, São Paulo, 2003), *Arteparole* (Casa delle Letterature, Roma, Itália, 2002), *Brazilian Visual Poetry* (Mexic Art Museum, Austin, EUA, 2002), *Paraver* (Espaço Santa Marcelina, São Paulo, 1995). Entre 2002 e 2007, foi um dos integrantes do coletivo *Poemix*, em performances multimídia, ao lado de Arnaldo Antunes, Lenora de Barros, Walter Silveira e Cid Campos. Possui obras nas coleções particulares de Eduardo Silveira Mufarej, Fábio Faisal, Lenora de Barros e Marcos Augusto Gonçalves e de Ricardo Kugelmas.

João Bandeira was born in Rio de Janeiro and lives in São Paulo. He holds both undergraduate and postgraduate degrees in Literature from the University of São Paulo (USP). His visual art practice often engages with the interface between image and word, across various media such as drawing, printmaking, photography, and video, as well as, in three-dimensional form, objects and reliefs. In recent years, Bandeira has increasingly explored photography, usually in series.

His works have been exhibited in Brazil and abroad, including solo exhibitions such as *Sem Sinal* (Centro Maria Antonia, São Paulo, 2024) and *O Princípio é o Meio (Oi Futuro)* (Rio de Janeiro, 2016), as well as participation in group shows such as the *Coimbra Biennial* (Coimbra, Portugal, 2019), *Experimentação e Visualidade* (Galeria Baró, São Paulo, 2016), *Poesia* (Galeria Virgílio, São Paulo, 2012), the *7th Mercosul Biennial* (Porto Alegre, 2009), *Entre la Palabra y la Imagen* (Fundación Luis Seoane, A Coruña, Spain, 2006), *Poemixbr* (Centro Cultural Telemar, Rio de Janeiro, 2005), *Palavra Extrapolada* (Sesc Pompeia, São Paulo, 2003), *Arteparole* (Casa delle Letterature, Rome, Italy, 2002), *Brazilian Visual Poetry* (Mexic Art Museum, Austin, USA, 2002), and *Paraver* (Espaço Santa Marcelina, São Paulo, 1995).

Between 2002 and 2007, he was a member of the collective *Poemix*, participating in multimedia performances alongside Arnaldo Antunes, Lenora de Barros, Walter Silveira, and Cid Campos. His works are held in private collections, including those of Eduardo Silveira Mufarej, Fábio Faisal, Lenora de Barros, Marcos Augusto Gonçalves, and Ricardo Kugelmas.

ATELIÊ FIDALGA:

Organizadores [Organizers]:

Albano Afonso e Sandra Cinto

Equipe Ateliê Fidalga [Ateliê Fidalga Team]:

Felipe Souto Ferreira, Igor Moraes, Márcia dos Santos Jesus, Neusa D. S. Ribeiro, Wilian de Souza

Fotos [photos]: Albano Afonso

O Projeto Fidalga é um espaço sem fins lucrativos para exposições, site specific e apresentação de produções experimentais e em processo, realizados durante a Residência Paulo Reis.

Projeto Fidalga is a non profit space for temporary exhibitions, site specific and presentation of experimental productions in process, made during the Paulo Reis Residency.